

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 133

Data: 29.11.91

Pg.: _____

Collor demarca área indígena com 4,9 milhões de hectares

BRASÍLIA — Treze dias depois da demarcação de 9,4 milhões de hectares para os ianomâmis, o governo reconheceu como área indígena dos mencragnotires um total de 4,9 milhões de hectares nos estados do Pará e de Mato Grosso. Essa é a segunda maior área indígena declarada pelo governo. Os mencragnotires são um subgrupo caiapó, parentes dos metuktire, grupo liderado pelo cacique Raoni.

Existem hoje 498 índios em três aldeias: Cubencocre, Pacanu e Baú. "A medida atende antigas e justas aspirações do povo mencragnotire", afirmou o presidente Fernando Collor em telegrama ao cacique Raoni, que lhe escreveu no dia 20 agradecendo a demarcação das terras ianomâmis e pedindo a mesma medida para os mencragnotire.

"Na esperança de que este evento possa trazer melhores condições de vida aos mencragnotires, renovo os meus votos de relevado apreço", afirma Collor no telegrama a Raoni. Com o anúncio da demarcação dessa área, localizada nos municípios de Altamira, São Félix do Xingu, Matupá e Peixoto de Azevedo, sobe para 17,3 milhões de hectares o total de terras identificadas pela Funai e reconhecidas pelo governo.

São, agora, 21 áreas representando pouco mais de 2% do território nacional, distribuídas nos estados do Amazonas, Mato Grosso do Sul, Acre, Mato Grosso, Amapá, Sergipe, Alagoas e Pará. As terras indígenas conhecidas no país chegam a 89,5 milhões de hectares, correspondentes a 10,52% do território nacional.

Champagne em Londres

Ambientalistas festejam reserva dos ianomâmis

Franklin Martins
Correspondente

LONDRES — Survival International, um dos mais importantes e ativos grupos de pressão em favor da causa dos índios em todo o mundo, comemorou ontem a decisão do presidente Fernando Collor de proceder à demarcação das terras dos ianomâmis abrindo uma garrafa de champanhe na porta da Embaixada Brasileira em Londres e convidando o embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima para um brinde.

"Ao Brasil", brindou o embaixador. "Ao Brasil e aos ianomâmis", completou o presidente da Survival, Robin Hanbury-Tenison, escritor e explorador inglês que, em 1965, foi um dos primeiros brancos fazer contacto com aquela tribo. Há 22 anos, ele luta pelo direito dos ianomâmis às terras que ocupam historicamente.

Nos últimos dois anos, a Survival patrocinou um protesto semanal em frente à embaixada, exigindo a demarcação das terras ianomâmis. Todas as quintas-feiras, de meio dia às oito da noite, com chuva ou com sol, os ativistas da entidade abriam suas faixas na calçada do outro lado da rua da embaixada, coletavam assinaturas para enviar ao governo brasileiro e distribuíam panfletos.

Os funcionários da embaixada acabaram acostumados com os militantes do grupo que, às vezes, em momentos de aperto, usavam o banheiro da representação brasileira. Ontem, militantes e diplomatas fizeram questão de lembrar que, apesar da diferença de posições no passado, a convivência entre eles sempre foi positiva e respeitosa. "O protesto foi civilizado e eficiente. A pressão deu certo. Vou sentir falta de vocês", brincou o embaixador. "É, realmente eu não me recordo de que tenhamos quebrado nenhuma vidraça", retrucou, sorrindo, o circunspecto presidente da Survival.

O tom bem-humorado da comemoração mostrou que a decisão do presidente Collor de demarcar as terras dos ianomâmis — que, até agora, recebeu muito pouco destaque na imprensa inglesa — repercutiu muito bem entre as entidades ambientalistas e indigenistas. "Há muito mais a fazer ainda pelos ianomâmis, mas não vamos falar sobre isso hoje. Estamos encantados com a decisão e queremos comemorar", disse Hanbury-Tenison.

Antes de brindar com a militância da Survival em frente à embaixada, Paulo Tarso informou à imprensa e às entidades, numa curta cerimônia dentro do prédio, que o presidente do Brasil havia assinado outro decreto, criando a reserva dos mencragnotires, no sul do Pará e em Mato Grosso. Paulo Tarso disse também que recentes fotos tiradas por satélites mostraram que as queimadas na Amazônia diminuíram.